

# **O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS NA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES<sup>1</sup>**

## **THE BEHAVIOR OF STUDENTS IN SCHOOL AND ITS RELATIONSHIP WITH DOMESTIC VIOLENCE IN THE PERCEPTION OF EDUCATORS**

Andréia de Lana Costa <sup>2</sup>  
Karla Maria Damiano Teixeira <sup>3</sup>

### **1. RESUMO**

A violência doméstica contra a mulher é uma questão histórica e resultante de uma cultura machista e discriminatória, uma realidade que afeta toda estrutura familiar, podendo desencadear uma série de problemas para as mulheres e para os filhos que presenciam as agressões no âmbito familiar. Podemos dizer que esses filhos aprendem com cada situação que vivenciam e tendem a reproduzirem as agressões vivenciadas. Desta forma, o presente artigo propõe analisar, através da percepção de educadores de escolas públicas, as consequências que a violência doméstica presenciada pode trazer para a vida dos filhos das mulheres vítimas de violência doméstica. Esta é uma pesquisa descritiva e exploratória, que foi realizada à luz da abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado. As entrevistas foram realizadas com dez professores, três diretoras e três supervisoras pedagógicas, funcionárias de três escolas públicas do município de Viçosa, Minas Gerais, próximas a bairros com baixo nível socioeconômico, instituições com um perfil condizente com a pesquisa proposta. O resultado das entrevistas permitiu explorar certos questionamentos, como: identificação dos tipos e das consequências das violências presenciadas pelos alunos no âmbito familiar. Nessa perspectiva, podemos

---

<sup>1</sup> Trabalho proveniente da Dissertação de Mestrado "O Comportamento dos Alunos na Escola e sua Possível Relação com a Violência Doméstica na Percepção dos Profissionais de Educação", defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Graduada em Direito e Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: andreialana@veloxmail.com.br

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: kdamiano@ufv.br

considerar que as tensões vividas nas escolas têm relação direta com as experiências traumáticas vividas pelos alunos advindos de famílias desestruturadas e que os educadores, mesmo com poucos recursos, conseguem identificar os problemas que os alunos estão enfrentando e suas repercussões na vida acadêmica e social.

**Palavras-chave:** Violência Doméstica. Família. Escola.

## **2. ABSTRACT**

Domestic violence against women is a historical issue, resulting from a sexist and discriminatory culture, a reality that affects every family structure, which can trigger a series of problems for women and children who witness aggressions within the family. We can say that these children learn from each situation that they experience and tend to reproduce the aggressions experienced. Thus, the present article proposes to analyze, through the perception of educators of public schools, the consequences that the domestic violence witnessed can bring to the lives of the children of women victims of domestic violence. This is a descriptive and exploratory research, which was carried out in the light of the qualitative approach. Data were collected through interviews based on a semi-structured script. The interviews were carried out with ten teachers, three directors and three pedagogical supervisors, employees of three public schools in the municipality of Viçosa, Minas Gerais, near neighborhoods with low socioeconomic status, institutions with a profile consistent with the proposed research. The results of the interviews allowed the exploration of certain questions, such as: identification of the types and consequences of the violence witnessed by students in the family context. From this perspective, we can consider that the tensions experienced in schools are directly related to the traumatic experiences of students coming from unstructured families and that educators, even with few resources, can identify the problems that students are facing and their repercussions on academic life And social.

**Keywords:** Domestic Violence. Family. School.

### **3. INTRODUÇÃO**

O ambiente familiar hostil e desequilibrado pode afetar seriamente a vida dos filhos que presenciam suas mães serem agredidas por seus parceiros, desencadeando vários problemas, o qual pode repercutir no desenvolvimento mental, emocional ou na aprendizagem desses filhos. Problemas que podem ser identificados pelos profissionais da educação, uma vez que estes trabalham diretamente com esses alunos.

De acordo com Vecina e Ferrari (2002, p. 28), “a criança necessita de uma relação efetiva estável para ir, por intermédio dela, construindo sua identidade”, ou seja, necessita de uma família equilibrada e protetora para que seu processo de identificação não seja conturbado. Pois, crianças e adolescentes que presenciam intensamente conflitos conjugais podem desencadear comportamentos reprodutores da violência experienciada, reproduzindo o comportamento agressivo ou negligente dos pais (ARAÚJO, 1996).

Corroborando com essa ideia, Cardia (1997) pondera que crianças e adolescentes que vivem em um ambiente marcado por violência aprendem a usá-la como forma de vida e têm grande possibilidade de reproduzi-la na vida adulta. Ristum (2010), pondera, ainda, que crianças que testemunham a violência dentro de casa ou que são agredidas pelos pais tendem a apresentar uma série de consequências na vida escolar, como dificuldade de concentração, de aprendizagem e de relacionamento com os colegas e professores.

Dessa forma, o não aprender pode expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família, ou seja, pode ser um sintoma de que algo não está adequado na dinâmica familiar, o que demonstra que a escola é um espaço de revelação, identificação da violência sofrida por seus alunos (WEISS, 2004).

Diante desse contexto, o presente artigo tem como escopo analisar, a partir da percepção dos profissionais da educação de três Escolas Públicas do Município de Viçosa, Minas Gerais, como os filhos dessas mulheres agredidas podem ser afetados por essas agressões, ainda que não sejam vítimas diretas.

## **4. REVISÃO DE LITERATURA**

Para uma melhor compreensão, o referencial teórico está subdividido nos seguintes tópicos: O Cenário da Violência Doméstica e as Consequências da violência doméstica para as vítimas e seus filhos.

### **4.1. O cenário da violência doméstica**

A violência doméstica é considerada um dos mais graves problemas da sociedade, envolvendo atos como coerção, cerceamento, humilhação, desqualificação, agressões físicas e sexuais, ameaças e até mesmo a morte (CUNHA, 2008). A preocupação com esse fenômeno e suas repercussões no âmbito familiar foi se modificando com o tempo. Na década de 1950, a preocupação se pautava na forma desumana com que mulheres e crianças eram tratadas. Na década de 1970, por força dos movimentos feministas, a violência doméstica passou a ser denunciada e estudada como violência de gênero, permitindo compreender as desigualdades persistentes entre homens e mulheres. Apenas a partir da década de 1990 é que a violência doméstica passou a ser vista como um problema social, sendo alvo de estudos no âmbito da segurança, da justiça e da saúde pública (HANADA, 2007).

Segundo Silva (2004), a violência doméstica tem se transformado em uma forma cada vez mais brutal de violência contra a mulher, devendo ser ressaltado que as vítimas têm sofrido agressões cada vez mais severas, ocasionando mortes ou graves sequelas, o que pode ser observado nos estudos desenvolvidos no mundo inteiro.

No Brasil, de acordo com o levantamento apresentado pelo Mapa da Violência 2012, por meio de um estudo realizado com uma amostra de 2.502 mulheres de 15 anos ou mais, 43% das brasileiras já sofreram algum tipo de violência praticada por seus companheiros. Dentre essas, foram citadas a violência física, sexual e psicológica, demonstrando que quase 70% das agressões eram registradas dentro da própria residência (WAISELFISZ, 2012).

Segundo Andrade e Loreto (2008), a violência física, que deixa marcas visíveis no corpo, pode ser associada à violência psicológica, como gestos, palavras e atos que

levam à ameaça e manipulação, apoiando-se em ambiente de medo, temor e de culpa, caracterizando-se como violência físico-psicológica ou violência físico-verbal.

Nesse sentido é importante ressaltar que o fenômeno da violência doméstica praticado contra as mulheres constitui uma das principais formas de violação dos direitos humanos previstos na Constituição Federal, sendo eles: direitos à vida, à saúde e à integridade física das vítimas diretas das agressões como também, de forma não menos traumática, para outras pessoas que presenciam as agressões, como para os filhos que presenciam suas mães serem agredidas por seus parceiros.

Como forma de prevenir e coibir a violência doméstica no Brasil, foi criada a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que passou a considerar a violência doméstica como um crime específico, conceituando-a conforme observado no artigo 5º, a seguir:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; e

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Minayo (1994) ressalta que para conceituar violência doméstica é necessário fazer uma análise histórica da sociedade em que os indivíduos estejam inseridos, pois fatores sociais, morais, econômicos, psicológicos e institucionais podem interferir na conduta das pessoas. Além disso, ainda segundo a autora, a violência doméstica não faz parte da natureza humana, estando associada a problemas advindos da sociedade, como política, economia e moral.

Corroborando com essa ideia, Morais (2009) considera que a violência doméstica ocorre devido à interação de vários fatores, como desemprego, uso de drogas e bebidas, pobreza, delinquência, dentre outras, que podem desencadear

comportamentos agressivos no ambiente familiar, afetando todos que ali vivem. Diante desse contexto, pode-se entender que o ato de violência não possui uma definição rígida, visto que existe interferência de fatores externos como: a cultura de cada sociedade, valores e princípios dos sujeitos envolvidos. Portanto, o momento histórico, a cultura, a relação e o contexto no qual tal comportamento ocorreu devem ser levados em consideração.

Nesse sentido, demonstraremos no próximo tópico as consequências que a violência presenciada pode trazer para a vida dos filhos de mulheres agredidas no âmbito familiar.

#### **4.2. Consequências da violência doméstica para as vítimas e seus filhos**

As consequências da violência doméstica podem afetar tanto a saúde física e emocional das mulheres violentadas como a vida de seus filhos (DAY *et al.*, 2003). Pode-se dizer que cada uma das formas de violência repercute de modo diferente na vida dessas mulheres e de seus filhos.

Para as mulheres, a literatura traz como consequências da violência doméstica na esfera física: fraturas, cortes, hemorragias, dores de cabeça, dentre outras. Na esfera mental: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite e até o aparecimento de sérios problemas mentais, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas (ADEODATO, 2005).

Repercutido também na vida das crianças e dos adolescentes que testemunham a violência e/ou que são agredidos pelos pais, pois elas tendem a ser agressivos e a ter os mesmos comportamentos antissociais fora de casa, principalmente na escola. Por essa razão, a escola possui ou deve possuir meios para modificar esse cenário violento (RISTUM, 2010). Santos e Costa (2004) relatam que as crianças que vivem em ambiente familiar violento tendem a reproduzir as condutas agressivas como uma maneira de controlar as pessoas com quem convivem e para realizar seus próprios desejos. Os padrões aprendidos pelos filhos tendem a se repetir, uma vez que a violência passa a ser a principal forma de mediar as relações sociais e entre os membros dessas famílias. Mulheres que são tratadas com agressões, xingamentos e ameaças

passam a agir com seus filhos da mesma forma, e estes passam a receber a punição física ou os castigos exagerados, acreditando ser merecedores desses atos, formando um círculo multigeracional na família (SIQUEIRA E DELL'AGLIO, 2007).

Segundo Justo (2006):

[...] as pessoas com as quais as crianças convivem são consideradas esteios da produção de subjetividades, da formação de vínculos psicossociais rígidos, estáveis e duradouros, responsáveis por sua educação e que a influenciará em sua conduta, nos valores e conhecimentos territorializados, visando à reprodução de estruturas sócio afetivas voltadas para a fixação do sujeito num dado modo de agir, de pensar e sentir (JUSTO, 2006, p. 38).

Alguns desses estudos demonstram que certas características individuais, como o desenvolvimento cognitivo e emocional, estão ligadas à realidade em que vivem os jovens, cabendo à escola, agente formador de cidadão, identificar os fatores de vulnerabilidade, como a violência doméstica intrafamiliar a que os alunos estão expostos, e tentar reintegrá-los ao convívio social (NOGUEIRA, 2004).

O desempenho acadêmico dos alunos tem de ser analisado, levando em consideração o contexto social em que estão expostos, o que permite aos profissionais da escola identificar os reflexos da violência doméstica na vida de seus alunos (RISTUM, 2010).

Desta forma, os profissionais que trabalham direta e/ou indiretamente com a violência doméstica, como psicólogos, assistentes sociais, pedagogos e professores, devem estar atentos aos sinais que as vítimas possam dar, pois elas pedem “socorro” não só por meio de suas vozes, mas por meio da linguagem corporal, de ações e de comportamento que indicam que alguma coisa não está bem e que elas precisam de ajuda, e que quando a violência for identificada ela deve ser apurada e, se for o caso, denunciada às autoridades competentes (AZEVEDO; GUERRA, 2001).

## **5. METODOLOGIA**

Esta pesquisa, exploratório-descritiva, foi realizada no município de Viçosa, MG. A fim de selecionar os locais onde a ocorrência da violência doméstica era mais prevalente, buscou-se o banco de dados da Casa das Mulheres, do município de Viçosa, referente ao período compreendido entre 2009 e 2012. Com esses dados, foi possível

chegar aos bairros com maior índice de denúncias de violência doméstica contra as mulheres.

Os dados revelaram que os bairros onde as ocorrências aconteceram em maior número, foram: Nova Viçosa, Santo Antônio, Carlos Dias, Santa Clara, Vale Sol, Coelhas, Bom Jesus, Estrelas e Sagrada Família. Assim selecionamos as seguintes escolas: Escola Estadual Raul de Leoni, Escola Municipal Professor Pedro Gomide Filho e Escola Estadual Santa Rita de Cássia, três escolas que atendem às crianças e adolescentes moradores dos locais citados acima, que, possivelmente, podem ser filhos de mulheres vitimadas.

A Escola Estadual Raul de Leoni está localizada na Rua Mario Dutra, S/N, bairro Santo Antônio, em um lugar conhecido como “Cantinho do Céu”, no Município de Viçosa/MG. Foi criada em 1962, possuindo em 929 alunos, em 2013. Anos iniciais do 1º ao 5º ano; Anos finais do 6º ao 9º ano e ensino médio do 1º ao 3º ano, são oferecidos no período da manhã (entre 7h15min as 11h15min) e no período da tarde (entre 12h15min e 16h55min). A Escola Professor Pedro Gomides Filho está localizada na Rua Eça de Queiroz, 119, Bairro de Fátima, no Município de Viçosa/MG. Foi criada em 1997, possuindo em 305 alunos, em 2013. Creches, atendendo crianças de 03 aos 4 anos; Anos iniciais do 1º ao 5º ano; são oferecidos no período da manhã (entre 7h15min as 11h15min) e no período da tarde (entre 12h15min e 16h55min). E a Escola Estadual Santa Rita de Cássia está localizada na Rua Eça de Queiroz, 119, Bairro de Fátima, no Município de Viçosa/MG. Foi criada em 1964, oferecendo o ensino de 1º ao 9º ano, possuindo 975 alunos, em 2013. Anos iniciais do 1º ao 5º ano; Anos finais do 6º ao 9º ano e ensino médio do 1º ao 3º ano, são oferecidos no período da manhã (entre 7h15min às 11h15min) e no período da tarde (entre 12h15min às 16h55min) e no período da noite (entre 18h15min e 22h15min).

O universo da pesquisa foi composto por 10 (dez) professores, 03 (três) diretoras e 03 (três) coordenadoras pedagógicas, profissionais que trabalham diretamente na formação dos alunos, capazes de descrever os problemas e as dificuldades vivenciadas por eles.

Os dados obtidos em cada etapa foram interpretados e analisados a fim de responder à questão do estudo e atender aos objetivos propostos.



## 6. RESULTADOS

Esta seção está subdividida em duas partes. Na primeira parte buscamos identificar os tipos de violências que alunos podem estar expostos no ambiente familiar e os reflexos dessa violência para esses alunos. Na segunda, procuramos conhecer as ações de enfrentamento, utilizadas pelos profissionais das escolas.

### 6.1. A identificação dos casos de violência doméstica presenciada e seus reflexos sobre os alunos

Inicialmente, foi questionado se as entrevistadas conseguiam identificar os alunos que eram vítimas indiretas da violência doméstica e, em caso positivo, como essa identificação era feita. As entrevistadas responderam afirmativamente. Segundo elas, as crianças possuem várias maneiras de demonstrar que são vítimas ou presenciam a violência doméstica, seja por meio de desenhos, comportamento agressivo ou retração, como pode ser observado nas seguintes falas:

[...] a gente observa no recreio, na aula de educação física e, no caso de desenho livre, tem uma aluna que sempre desenhava o pai apontando o dedo para alguém (P1).

[...] elas ficam violentas, eles batem, por exemplo, se uma criança esbarra na outra, ela não sabe pedir e dar desculpas, elas vão para cima bater; eu converso muito com eles assim: se eu chegar na sala de professores, se uma professora me esbarrar eu não vou bater nela vou pedir desculpas, vejo que não é por maldade, mas porque não têm bons exemplos em casa (P2).

[...] crianças que vivenciam a violência sexual e ficam com a sexualidade aflorada. Os outros colegas se afastam delas, então elas pulam etapas da vida e deixam de ser crianças muito rápido. As meninas cantam as músicas que refletem o sexo e a droga o tempo todo, usam saias curtas e se oferecem o tempo todo, elas pegam o papel e fazem cigarro e fingem que estão fumando. Imagino que vêm os pais fazendo isso o tempo todo (P3).

As falas dessas professoras demonstraram que as crianças, de forma inconsciente, passam a dar sinais de que estão vivenciando algum tipo de violência em suas casas, pois tendem a mudar a forma de agir no ambiente social. As falas das professoras indicaram que alguns alunos agiam agressivamente com os professores e colegas, dando chutes, tapas, murros, dentre outros. É interessante ressaltar que determinados alunos agem agressivamente até mesmo quando têm uma afeição maior

por algum colega, batendo quando, na verdade, deveriam demonstrar carinho por meio de abraços e beijos.

A mudança de comportamento das meninas foi citada como sendo um indicativo de que elas podem estar sofrendo algum abuso sexual ou estar presenciando violência sexual em casa, embora esse tipo de violência tenha sido relatado como sendo mais difícil de ser identificado. As meninas passam a usar saias curtas, se oferecendo para os meninos, além de fazerem gestos obscenos.

Esses resultados vão de encontro às concepções apresentadas por Siqueira e Dell’Aglia (2007), que retratam que a violência vivenciada no ambiente familiar passa a ser a principal forma de mediar as relações sociais entre os membros dessas famílias no convívio social com outras pessoas.

Ao falarem sobre o comportamento violento de determinados alunos e sobre a possível reprodução da violência que eles vivenciam em suas casas nas escolas, as entrevistadas demonstraram também preocupação com a influência negativa do comportamento desses alunos para os demais alunos.

Esses alunos veem a violência como algo normal, portanto reproduzem no espaço escolar o que vivenciam em suas casas. Como estão vivenciando o processo de socialização nessa etapa da vida, a reprodução do comportamento agressivo faz com que a violência se torne um ciclo vicioso, uma vez que ela é tida como um processo natural para as crianças que presenciam esses atos em seu cotidiano. Nesse contexto, os dados encontrados corroboram os de Cardia (2007), que mostrou que crianças que testemunham a violência dentro de casa ou são agredidas pelos pais tendem a ser agressivas e a ter comportamento antissocial fora de casa, principalmente na escola.

Em outras palavras, quando o ambiente familiar é marcado pela violência, onde os pais são agressivos entre si, ou mesmo com os filhos, há a predisposição para transformar a violência em algo natural, em que o apanhar passa a não simbolizar desamor, mas, sim, uma forma natural de agir, um processo de aprendizagem desenvolvido na infância. Além disso, segundo Cardoso (2000), sofrer violência na infância faz com que as pessoas se tornem inseguras na vida adulta, com baixa autoestima e ausência de senso crítico sobre o que seja a violência, o que poderá repercutir na sua reação quando se deparar com a violência.

Sobre as formas de violências testemunhadas pelos alunos das escolas, as entrevistadas indicaram em primeiro lugar a verbal (16 relatos), em segundo lugar a física (13 relatos), em terceiro lugar a negligência (10 relatos) e em último lugar a sexual (9 relatos). A fala seguinte retrata os tipos de violências que alunos presenciam em suas casas:

[...] acredito que seja a verbal, pois os alunos conversam gritando e falando palavrões e ameaçando os colegas e até mesmo a gente; a física, pois os alunos batem nos colegas com muita frequência. Temos que estar sempre vigiando para evitar as agressões mais graves. A sexual temos mais dificuldade de identificar, mas acredito que aqueles que têm a sexualidade aflorada é porque presenciam atos obscenos dos pais e a negligência, pois eles não têm compromisso com suas atividades, como os pais não têm com a educação dos seus filhos (P8).

A violência física e verbal foram as mais citadas pelas entrevistadas, tendo em vista que suas exteriorizações são mais evidentes, pois os alunos passam a agredir seus colegas e, até mesmo, os professores, seja verbal ou fisicamente. Esses atos são atribuídos pelas entrevistadas às experiências violentas vivenciadas no ambiente familiar hostil em que essas crianças e/ou os adolescentes vivem.

Em seguida vem a negligência, pois elas acreditam que os alunos agem sem responsabilidade com suas atividades, da mesma forma que seus pais os negligenciam. Por último vem a violência sexual, pois, apesar da dificuldade na identificação dessa agressão, as entrevistadas citaram que em alguns casos conseguem perceber o comportamento sexual precoce.

Segundo Minayo (2006), qualquer uma das formas de violência citada está relacionada à violência psicológica, pois as crianças que crescem em um meio hostilizado e marcado pela violência doméstica, mesmo quando não são vítimas diretas das agressões, podem sofrer interferências negativas em suas vidas. Silva (2005) afirma que a violência psicológica está associada diretamente à violência física, sendo difícil entender essa agressão sem a presença da violência psicológica. A violência doméstica atinge, assim, além da vítima, todos os que convivem no ambiente hostil e agressivo, como os filhos ou familiares, causando danos físicos e emocionais para todos os envolvidos.

Os profissionais também percebem os reflexos da violência doméstica no desenvolvimento social e cognitivo das crianças e dos adolescentes. De acordo com as

entrevistadas, os alunos que presenciam atos agressivos no âmbito familiar apresentam alteração em seu desenvolvimento emocional e comportamental, o que influencia o ciclo de aprendizagem, pois eles ficam desestimulados e desanimados para realizarem as atividades escolares, como ilustrado pelas falas a seguir:

[...] a criança muda o ser dela, fica mais apegada ou mais distante (P4).

[...] são mais retraídas, apresentam medo, são tímidas e têm muita dificuldade de participar em grupo (P16).

Percebe-se que a mudança no comportamento dos alunos pode ter ligação com o contato contínuo com a violência, seja ela direta ou indireta. Esses alunos têm o seu desenvolvimento cognitivo afetado, pois perdem o interesse pela aprendizagem, ficando, muitas vezes, agressivos ou apáticos. Nesse contexto, é de suma importância retratar que o não aprender pode expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família, ou seja, pode ser um sintoma de que algo não está adequado na dinâmica familiar, demonstrando que a escola é um espaço de revelação dos reflexos dos conflitos vivenciados pelos alunos no cenário familiar (WEISS, 2004).

As entrevistadas relataram que os principais meios utilizados para a identificação da violência doméstica eram o relato do aluno e/ou a alteração de seu comportamento. A agressividade, a apatia e a sexualidade precoce foram apontadas por quase todas as entrevistadas, problemas que podem ser identificados pelo fato dos profissionais trabalharem diretamente, por um tempo significativo, com os alunos. As falas a seguir ilustram como os professores conseguiam fazer essas identificações:

[...] conseguimos identificar porque o aluno fica mais agressivo ou apático dentro da sala de aula, pois ficamos mais tempo com eles, né? (P1).

[...] tem aluno que chuta o colega, que grita o tempo todo, falam palavrões, alguns chegam a relatar o que eles presenciam em casa, um aluno me disse que seu pai bateu na sua mãe e que ela o chamou de vagabundo (...) (P5).

[...] tem uma aluna da minha sala que apresenta a sexualidade aflorada. Ela põe a mão no órgão genital toda hora e já peguei ela pedindo o colega para colocar também (P3).

Como mencionado, a violência direta ou indireta, por meio do testemunho, interfere no desenvolvimento da criança e passa a repercutir negativamente na formação

de sua identidade. Rappaport (2006) ressalta que durante a infância é que a criança vai desenvolver sua identidade, aprendendo a se conhecer, desenvolvendo suas características psicológicas, seus desejos, suas capacidades e conhecendo suas limitações. A autora ressalta que no processo de formação da criança o conteúdo do diálogo, o afeto e o carinho dos pais contribuem para o seu desenvolvimento pessoal, e que o contrário, como a agressividade e a falta de diálogo, também vai influenciar negativamente a formação das crianças.

Sendo assim, o comportamento desestruturado dos membros familiares pode repercutir na relação da criança com os colegas e professores, gerando atitudes indesejáveis na escola, como a desobediência, a agressividade e a falta de respeito com os colegas e professores. Problemas advindos da tristeza, angústia, insegurança que fazem parte da vida desses alunos. Por isso, o ambiente familiar é considerado como o agente primário e mais poderoso da socialização, capaz de transmitir valores, convicções e normas para as crianças em formação (RAPPAPORT, 2006).

As entrevistadas relataram que conseguiam identificar os reflexos da violência com facilidade, mas, por outro lado, tinham dificuldades em exercer o papel como educadoras no sentido de promover condições de superação dos danos da violência familiar. A falta de uma equipe de apoio foi relatada como uma impossibilidade para agir nos casos em que a violência se manifesta, tendo todas mencionado que as escolas não possuíam, em seu quadro de funcionários, psicólogos e assistentes sociais para trabalharem com os alunos, o que dificultava o trabalho do professor, que além de ensinar também tinha de trabalhar com os problemas ligados à desestrutura familiar, onde a violência está presente.

Diante dessas observações, no próximo tópico será abordado o papel das escolas pesquisadas na recuperação dos alunos marcados pela violência.

## **6.2. Ações para enfrentamento das situações adversas pelos profissionais das escolas**

Nas escolas, por meio das educadoras, foi possível identificar os casos de violência a que os alunos estão expostos no ambiente familiar, vejamos na tabela a seguir os atos citados como reflexos da violência doméstica.

Tabela 1 – Atos citados pelos professores como reflexos da violência doméstica. Viçosa, 2014

<b>Atos Cometidos pelos Alunos</b>	<b>Número de Vezes que Foram Citados</b>
Agir com desatenção, inquietação ou desconcentração durante as aulas.	15
Deixar de fazer as atividades escolares.	13
Conversar muito durante as aulas.	10
Gritar em sala de aula.	8
Xingar alunos e professores.	8
Falar palavrões com os colegas e com os professores.	8
Responder e desrespeitar os professores.	6
Agredir os colegas e os professores.	5
Descumprir ou não seguir as regras.	5
Ausentar as aulas.	2

Fonte: dados da pesquisa.

Podemos observar que os reflexos tendem a se manifestar no espaço escolar, facilitando à identificação pelos educadores. Para entender o papel da escola na recuperação dos alunos afetados pela violência doméstica, foi perguntado às entrevistadas sobre o procedimento adotado pelas escolas para lidar com esses alunos. As respostas estão apresentadas a seguir:

[...] não temos apoio de psicólogos e nem de assistentes sociais, então, em muitos casos, omitimos, pois não temos o que fazer. Tive um menino que estava tendo desmaios e eu não sabia o que fazer, então peguei o aluno e levei no posto de saúde, e foi diagnosticado uma pneumonia. Mas a diretora me chamou a atenção, porque se acontecesse alguma coisa com o aluno, seria culpa da escola, então é muito complicado, queremos ajudar, mas muitas vezes somos barrados, né? (P5).

[...] nós, professores, fazemos de um tudo, somos até psicólogos, pois a escola não possui profissionais capacitados para atender os alunos que apresentam problemas comportamentais (P7).

[...] conversamos com os alunos. Quando não conseguimos resolver, levamos para a direção, que também utiliza o diálogo com os alunos e tenta chamar os pais, que raramente comparecem. Em casos graves, contamos com o apoio do Conselho Tutelar (P11).

[...] a gente chama os pais e não vêm. Se o caso for extremo, barramos a entrada do aluno e aí o pai vem, mas briga na escola porque barramos o aluno, eles demonstram total descaso e transferem para a escola o papel de educar (P15).

É possível perceber que as entrevistadas demonstraram interesse em ajudar os alunos, priorizando o diálogo com o aluno que consideram que esteja passando por alguma dificuldade. Caso não obtenham resultado, chamam os pais para conversar e, como última alternativa, levam o caso para a direção da escola e ao Conselho Tutelar. Algumas entrevistadas disseram que, em alguns casos, se omitem, por atribuírem esse trabalho a outros profissionais, como psicólogos e assistentes sociais, e também por não possuírem treinamento para lidar com problemas advindos da violência presenciada em casa.

Nesse mesmo sentido, outra entrevistada relatou que as escolas públicas precisam de profissionais ligados à saúde para ajudar os alunos com problemas decorrentes da desestruturação familiar provocada pela violência doméstica.

Apesar do interesse demonstrado pela escola em ajudar os alunos, elas necessitam de apoio de profissionais de outras áreas, como psicólogos e assistentes sociais, para desenvolverem, juntos, trabalhos de prevenção e recuperação de alunos advindos de famílias violentas, além da necessidade do preparo dos próprios professores para lidarem, no dia a dia, com esses alunos. É importante salientar que os professores, muitas vezes, não estão preparados para lidar com situações adversas, como é o caso da violência doméstica, além de não terem tempo para tal.

Por outro lado, embora as entrevistadas tenham afirmado não possuírem meios para lidar com os problemas decorrentes da violência doméstica, citaram alguns procedimentos adotados por elas para tentar solucionar ou amenizar os reflexos dessa violência na vida dos alunos, como: realização de projetos com enfoque no comportamento dos alunos; projetos e trabalhos antiviolaência dentro das salas de aula; e conversas individuais com os pais e alunos.

As entrevistadas, apesar de acreditarem que para desenvolver esses tipos de trabalhos de enfrentamento necessitam de outros profissionais e de um aprimoramento nas suas capacitações, desenvolvem ações de enfrentamento e prevenção, diariamente, conforme apresentado em algumas falas:

[...] o que fazemos é o seguinte: tentar trabalhar em sala de aula aquela situação, de forma diferenciada, com uma didática diferente, sem entrar no assunto diretamente daquele aluno! Não tem outra ação que a escola possa fazer além dessa! (P1).

[...] desenvolvemos projetos para trabalhar com os alunos, como, por exemplo, o Projeto pela Paz (P2).

[...] começou esse ano com um projeto chamado Educação para a Vida. (P11).

[...] a escola tenta fazer uma socialização com as famílias, faz eventos para trazer as famílias para a escola, reuniões, palestras com os pais e oferece até um lanchinho depois. A gente aproxima do aluno, escutamos e orientamos, não temos psicólogos, então tentamos ajudá-los da forma que podemos, quando o caso é mais grave encaminhamos para o Conselho Tutelar (P8).

[...] trabalho com fantoches toda sexta-feira, têm alunos que não aceitam participar das histórias, são crianças arredias, mas, com o tempo, elas passam a aceitar o carinho com os bonecos (P6).

[...] a gente faz campanhas, como a Campanha pela Paz, a gente tenta chamar a comunidade para a escola, a gente interfere na maneira que pode (P13).

Observa-se nas falas que as entrevistadas utilizam ações para ajudar os alunos com problemas, mesmo quando as escolas não oferecem políticas escolares e nem treinamento para capacitar os educadores para lidarem com essa problemática. Bastos (1995; 1996) aponta a importância da atuação da escola para construção de estratégias de enfrentamento da violência, mencionando que nos Estados Unidos tem aumentado o número de programas de treinamento para capacitar os educadores das instituições de ensino para trabalhar com os alunos marcados pela violência familiar.

Nesse sentido, é de suma importância o papel da escola no enfrentamento da violência, na visão de Ristum (2010):

[...] a importância da escola no enfrentamento da violência doméstica e familiar fica ainda mais evidente quando se considera que crianças e adolescentes têm contato diário e prolongado com ela e com seus profissionais e quando se coloca que, em grande parte dos casos, ela se constitui na única fonte de proteção, especialmente para as crianças e adolescentes que têm familiares como agressores e não encontram, em outros membros da família, a confiança e o apoio necessário à revelação da violência (RISTUM, 2010, p. 238).

É de suma importância ressaltar que as entrevistadas, mesmo aquelas que desenvolvem ações de prevenção e combate à violência, retrataram que têm casos que elas não conseguem resolver por falta de tempo e por falta de formação acadêmica para lidarem com os problemas relacionados à violência, como confirma o depoimento seguinte:

[...] com estes profissionais de outras áreas o trabalho de inserção social seria mais fácil, pois as professoras assumem um papel que não são delas e que não foram capacitadas, quando detecto casos de violência e drogas, por exemplo, primeiramente chamamos os pais, mas eles, muitas vezes, não se



comprometem a resolver o caso e falam que não têm tempo para ficar indo à escola por causa de bofeiras (P5).

Quando indagadas como funcionava o ciclo de aprendizagem dos alunos atingidos pela violência doméstica, a maioria das entrevistadas respondeu que quando detectam que o aluno está tendo dificuldade na aprendizagem recorrem à direção e à supervisão, conforme se depreende da fala:

[...] quando identificamos que um aluno tem problemas, seja comportamental ou de aprendizagem, recorremos à direção e à supervisão e estes tentam buscar apoio junto ao conselho tutelar e ao Ministério Público, quando necessário (P7).

Por meio dos dados coletados nas escolas, constata-se que as entrevistadas buscam realizar os ciclos de aprendizagem, respeitando o planejamento e as normas escolares, ajudando, na forma que podem, os alunos com problemas de aprendizagem e comportamental influenciados pela violência presenciada em casa. Para Pacheco e Flores (1999), *apud* Pereira (2009, p. 67):

[...] tornar-se professor constitui um processo complexo, dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo de diferentes etapas formativas. Não se trata de um ato mecânico de aplicação de destrezas e habilidades pedagógicas, mas envolve um processo de transformação e re(construção) permanente de estruturas complexas, resultante de um leque diversificação de variáveis (PACHECO; FLORES, 1999, *apud* PEREIRA, 2009, p. 67).

As escolas podem utilizar diversos tipos de trabalhos, como palestras e conversas individuais com os alunos, além de desenvolver projetos com temas relacionados à violência.

Diante dos dados encontrados, podemos dizer que as educadoras têm uma preocupação social muito grande no que diz respeito aos fatores causadores da violência familiar e com o papel da escola nesse cenário. Percebemos que, mesmo sem os recursos citados por elas, como a falta de profissionais com qualificações específicas e o aprimoramento de suas próprias capacitações, tentam minimizarem os problemas decorrentes da violência doméstica com estratégias desenvolvidas por elas mesmas.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos reflexos da violência doméstica na vida dos filhos de mulheres agredidas por seus parceiros, a partir da concepção dos educadores de três escolas públicas do município de Viçosa, Minas Gerais, permitiu tecer algumas considerações.

A violência doméstica é um “fenômeno” que reflete negativamente na vida acadêmica e pessoal dos alunos que presenciam as agressões cometidas contra suas mães. Em virtude disto, as escolas têm enfrentado grandes obstáculos para lidarem com esses alunos que apresentam alterações nos seus comportamentos por testemunharem a violência no âmbito familiar.

Esse estudo apontou que as escolas têm enfrentado grandes obstáculos para lidar com esses alunos que apresentam alterações de comportamento, em virtude do testemunho da violência no âmbito familiar. Esses alunos apresentam problemas relacionados ao processo de socialização com os colegas e professores, pois são agressivos e, a maioria deles, reproduzem a violência presenciada em casa no ambiente escolar, além de apresentarem baixo rendimento escolar, o que compromete o ciclo de aprendizagem. As entrevistadas entendem que para alcançar os objetivos pedagógicos os alunos precisam estar “bem” psicologicamente. No entanto, segundo elas, esses alunos que convivem em ambiente hostil e desequilibrado têm mais dificuldade de concentração e possuem dificuldades em respeitar as regras impostas pelas escolas, agindo, quase sempre, agressivamente com os colegas e professores. Por meio de suas vivências profissionais, os professores conseguem identificar as violências presenciadas pelos alunos, devendo ser ressaltado que, no contexto geral, as concepções implícitas nas falas das participantes remetem às formas de violência citadas pela Lei Maria da Penha, quais sejam verbal, física, sexual e negligência.

A violência doméstica presenciada reflete na vida acadêmica e pessoal dos alunos, embora, muitas vezes, os professores não possuam estrutura emocional e capacitação para trabalhar com esses alunos. Nas escolas falta a presença de profissionais capacitados para trabalhar com os problemas decorrentes da violência, como psicólogos e assistentes sociais.

Diante das implicações que a violência pode ter na vida dos filhos que presenciam suas mães serem agredidas, podemos considerar o testemunho da agressão como uma violência psicológica, fazendo de quem a testemunha uma vítima direta.

Em suma, considerando que a violência doméstica gera repercussões negativas na vida dos filhos que presenciam suas mães serem agredidas e que essas repercussões são identificadas e enfrentadas pelos professores das escolas de formas divergentes e, ainda, que tem que se levar em consideração a sociedade em que as pessoas estão inseridas para mensurar os danos, é importante que a pesquisa sobre o tema continue, até mesmo em escolas frequentadas por alunos com poder aquisitivo maior, uma vez que a pobreza não pode ser considerada um fator preponderante para a prática da violência e que esse “fenômeno” pode acontecer em qualquer classe social.

Portanto, com a continuidade da pesquisa em outras escolas, será possível ter um conhecimento aprofundado sobre o impacto da violência presenciada tanto na vida dos alunos de classe menos favorecida como também dos alunos das classes mais favorecidas, podendo, ainda, fazer uma comparação do papel dos professores, de ambas as classes, no enfrentamento desse “fenômeno”.

## 8. REFERÊNCIAS

ADEODATO, V. G.; CARVALHO, R. R.; SIQUEIRA, V. R.; SOUZA, F. G. M. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 1, fev. 2005.

ANDRADE, V. D. A.; LORETO, M. D. S. Família e violência: Caracterização e Interações. In: TEIXEIRA, K. M. D.; GOUVEIA, P. (Org.). **Tudo em família: textos, temáticas e discussões**. Viçosa, MG: UFV, 2008. p. 46-74.

ARAÚJO, M. F. Atendimento a mulheres e famílias vítimas de violência doméstica. **Perfil**, Assis, SP, v. 9, p. 5-15, 1996.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Iglu, 2001.

BASTOS, A. C. S. Intervenção frente a problemas decorrentes da violência contra a criança no contexto familiar. **Revista de Psicologia**, n. 13, n. 1/2, p. 77-87, 1995/1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Lei Maria da Penha:** Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 34 p. [882143] CAM.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. **Contemporaneidade e Educação**, v. 2, n. 2, set. 1997.

CUNHA, R. S.; PINTO, R. B. **Violência doméstica:** Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

DAY, V. P.; TELLES, L. E. B; ZORATTO, P. H.; AZAMBUJA, M. R. F; MACHADO, D. A.; SILVEIRA, M. B.; DEBIAGGI, M.; REIS, M. G.; CARDOSO, R. G.; BLANK, P. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista Psiquiatra**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 1. p. 9-21, 2003.

HANADA, H. **Os psicólogos e a assistência a mulheres em situação de violência.** 2007. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2007.

JUSTO, J. S. Escola no epicentro da crise social. In: DE LA TAILLE, Y; PEDRO-SILVA, N.; JUSTO, J. S. **Indisciplina/disciplina:** ética, moral e ação do professor. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 23-54.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública social. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 7-18, 1994. (Suplemento 1).

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

NOGUEIRA, A. Escola pública e famílias populares: uma relação dissonante. **Educação em Revista**, UFMG, Belo Horizonte, v. 39, n. 39, p. 41-60, 2004.

PEREIRA, M.A.S. **Indisciplina escolar: Concepções dos professores e relações com a formação docente.** 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande, MS, 2009.

RAPPAPORT, C. R. **Encarando a adolescência.** Série Jovem Hoje. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

RISTUM, M. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 231-232, 2010. Disponível em: <<http://www.sbponline.org.br/revista2>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

RISTUM, M. As marcas da violência doméstica e a identificação por professor do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, BA, v. 1, n. 1, p. 3-12, Bahia, 2014. Disponível em <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2014/01/ristum2014>. Acesso em 10 de janeiro de 2015

SANTANA, M. M.; TEIXEIRA, K. M. D.; OLIVEIRA, M. M.; OLIVEIRA, P. R. C.; LINHARES, A. M.; LELIS, C. T.; FREITAS, M. C. P.; ROSADO, A. P. N.; MORAIS, L. S. de. **A violência doméstica sob o olhar de mulheres de comunidades populares urbanas**, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: [http://proex.pucminas.br/sociedade\\_inclusiva/Vseminario/Anais\\_V\\_Seminario/saude/comu/A%20VIOLENCIA%20DOMESTICA%20SOB%20O%20OLHAR%20DE%20MULHERES%20DE%20COMUNIDADES%20POPULARES%20URBANAS.pdf](http://proex.pucminas.br/sociedade_inclusiva/Vseminario/Anais_V_Seminario/saude/comu/A%20VIOLENCIA%20DOMESTICA%20SOB%20O%20OLHAR%20DE%20MULHERES%20DE%20COMUNIDADES%20POPULARES%20URBANAS.pdf) . Acesso em: 20 jan. 2015.

SANTOS, L. V.; COSTA, L. F. Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 6, n. 1, p. 59-72, 2004.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. Retornando para a família de origem: Fatores de risco e proteção no processo de reinserção de uma adolescente institucionalizada. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 3, p. 134-146, 2007.

SILVA, M. R. S.; NUNES, K. S. Avaliação e diagnóstico do processo de reinserção familiar e social de crianças e adolescentes egressos de uma casa de passagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 42-49, 2004.

SILVA, L. **CEVIC: A violência denunciada**. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2005.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012**. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

VECINA, T.; FERRARI, D. (Org.). **O fim do silêncio na violência familiar**. Teoria e prática. São Paulo: Agora. 2002.